

A SEGUNDA EVA:

Macacão de uma perna e um braço só.
Com pelos, pelos falsos. Uma picumã
(peruca) enorme.

Fábio Hostert¹

¹ Ator, pesquisador, encenador e professor na Cia Carona de Teatro.

² Segundo o dicionário Aurélio, um modo particular de comunicação no universo LGBTQIAP+, *desaquendar* significa: tirar, deixar

Desaquendendo essa mona²

“Ela, eu, perdão, a segunda, Eva, não a bíblica, Eva Pepper, a pagã, colorida, exagerada, boba. Boba, tola até. Ocupa espaços e almeja desconstruir, ué, por quê? Porque tem muita bosta. Bosta bem feita, bosta bem colocada na nossa cara, desconstruir é tirar essa bosta da gente. A gente quem? As LGBTQIAP+. E, as manas não merecem, mas tem, tem essa bosta na cara.” (Eva Pepper, em 2021).

A *drag queen* é uma figura que está muito presente nas mídias televisivas e internet. Engana-se quem pensa que ela nasceu linda e poderosa do *reality show Ru Paul's Drag Race*. Obrigado, mama Ru! Mas, essa figura já está presente na

em paz.
<https://pt.scribd.com/document/165192044/Aureli-a-o-Primeiro-Dicionario-Gay-Do-Brasil>

³ É cantor e *drag queen* maranhense.

sociedade, à margem, há tempos. Dizem, sim, dizem, porque não há comprovação, mas é algo que corre a bocas soltas, que o termo nasceu com Shakespeare, quando nas rubricas de seus textos indicava: D.R.A.G. - *Dress resembling a girl*, indicando que a personagem seria encenada por atores (homens) “vestidos como uma garota”. No Brasil, para além das atuais Pablio Vittar³, Glória Groove⁴, Rita Von Hunty⁵, entre muitas outras que ocupam a cena artística, destaco figuras que fizeram história, como Madame Satã (João Francisco dos

⁴ É cantor, *rapper*, compositor, dublador, ator e *drag queen* paulistano.

⁵ É um professor, ator, YouTuber, comediante e *drag queen* paulistano.

Santos)⁶, Vera Verão⁷ e Ney Matogrosso⁸, que encantam os mais conservadores, sem medo de exibir sua feminilidade. Desde 1995, conheci, visitei, assisti muito e levemente experimentei, quase levianamente, o universo das *drag queens*. Entretanto, Eva Pepper, a “minha” *drag*, nasceu em 2015, quando entrei para um movimento de luta da comunidade **LGBTQIAP+**⁹, o Coletivo LGBT Liberdade de Blumenau. Ainda em 2015, promovemos uma semana de luta contra a LGBTfobia e, no último dia, um sarau artístico, do qual Eva foi apresentadora. Essa

⁶ Foi um transformista brasileiro, uma figura emblemática e um dos personagens mais representativos da vida noturna e marginal da Lapa carioca na primeira metade do século XX.

foi, então, a primeira vez que me “montei” oficialmente como uma ***drag queen***. Montaria é um termo muito comum usado para designar essa transformação, no meu caso, um *gay cisgênero*¹⁰, em uma *drag queen*.

“Macacão de uma perna e um braço só. Com pelos, falsos. Uma picumã (peruca) enorme. Salto, não fino, grosso, para pisar firme, até machucar. Eu, Eva, de nome bíblico, só o nome, rs, tomo o corpo dessa bicha grande, até heteronormativa, e, bagunço tudo. Mas, também resolvo muita coisa, ela sabe. Cores, brilho, make, joias, falsas é claro, quanto mais falsa melhor (rs altíssimos). Agora eu escrevo, sim, aloka né?! Sim, mas não largo os figurinos, as roupas, qual a diferença no meu caso? De roupas e figurinos, digo (mais risos altíssimos). Ahh! Eu, Eva, aloka, gritando!! Uma *drag queen*.” (Eva Pepper, em 2021).

⁷ De nome artístico, Jorge Lafond foi um ator, comediante, dançarino e *drag queen* carioca.

⁸ É um cantor, compositor, dançarino, ator e diretor brasileiro. Ex-integrante dos Secos & Molhados, sul matogrossense.

Impossível, neste momento, segurá-la, porque “é assim que elas fazem” jargão de Eva, que, desde seu nascimento, é um furacão. Como ela nasce neste lugar político/ativista, me dá uma voz que grita “Grito por mim, por ele, elas e elos, elxs, el@s, grito e canto. Com gosto, dor, orgulho e chavões. Com didáticas, para mim *drag* é didática. Precisa ser! Como sobreviver? Ser, sendo, estando, ocupando. Existindo. Alerta chavão: resistindo” (Eva Pepper, em 2021). Assim, gritamos, porque me enxergo nela e ela em mim. Misturamo-nos e geramos mudanças, emocionais, artísticas, de

⁹ LGBTQIAP+ - lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras possíveis identificações.

¹⁰ Termo que designa a pessoa que identifica seu gênero com seu sexo biológico de nascimento.

percepção de questões de **gênero**, em mim e no entorno.

“Estar, ser, presença. E que presença meu amor! Digna da frase: ela chega chegando! Preenche, toca. Nasceu tocando, nasceu chegando. Nasci assim! E, claro, gritando, nasci sendo, bagunçando, rindo. Rindo muito! Rindo das merdas, das mazelas, das bostas, para resignificar (que bonito, nem o word reconhece, mas o Paul Preciado sim!). Renascer. Pelo riso? Riso gostoso, contagiante, escancarado, que escancara, que quase escarnia, escarneia. Que rasga. Mas preenche. E também acolhe. Acaricia e cuida.” (Eva Pepper, em 2021).

Divirto-me demais dando espaço para que Eva esteja aqui e fale do jeito dela. Um dia me perguntaram, um dramaturgo, o dramaturgo da Eva (risos): “Quem é a Eva?”. Eu respondi sem respirar:

“A Eva sou eu”.



Eva Pepper;
Créditos: Sabrina Marthendal

Bases e contornos da *make*

Integro a Cia Carona de Teatro¹¹ desde o ano de 2000. Desde então, pesquisamos o exercício da atuação e seus desdobramentos dentro de espetáculos e seus diálogos contemporâneos. No início da sistematização dos nossos métodos, aproximamo-nos e recebemos influência direta da Periplo Compañía Teatral¹² e do LUME Teatro¹³. Essas parcerias e a continuidade das nossas buscas acabaram por gerar espetáculos

¹¹ Grupo teatral estável, fundado em 1995, em Blumenau, Santa Catarina. Integrantes: Fábio Hostert, James Beck, Pépe Sedrez, Sabrina Marthendal e Sabrina Moura.

¹² Grupo de teatro fundado em 1995, em Buenos Aires, Argentina.

¹³ Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp, fundado em 1985 em Campinas, São Paulo.

teatrais que primavam por ações codificadas, pautadas na precisão das ações em relação aos elementos espetaculares presentes em nossas composições. Para além do ativismo, Eva mexe fortemente no meu fazer artístico. A maquiagem e caracterização já faziam parte da minha trajetória; então, ela já nasce com essa “habilidade”. Mas e a presença, o **improviso**? Esse ser/estar ali na frente da plateia, me expondo, sem grandes ensaios, gritando *aloka* à revés, sem partituras, sem dramaturgia finamente composta? Como era o lugar meu de costume junto à Cia Carona. Esse lugar foi sacudido. Esse foi um ponto que me confrontou ao desempenhar esse novo papel: o encontro da *drag*

queen com o “ator de teatro”. No início, parecia que muito pouco tinha do trabalho do ator em Eva; era eu, a Faba, **militando** e tentando desconstruir padrões de gênero, pois nada era codificado da maneira que trabalhávamos em nossos espetáculos, nada era demasiadamente aprofundado. O número apresentado no primeiro sarau foi ensaiado apenas um dia antes! Depois de chegar a duvidar se Eva era arte, se tinha a ver com meu trabalho, se minhas técnicas de atuação estavam nessa persona, eu disse: “Sim!”. Assumindo o lugar artístico-político-poético que essa Eva me possibilita. Lançamo-nos, eu e ela: “é assim que elas fazem”. Circulamos pela noite, pelo dia, pelos saraus do coletivo LGBT

Liberdade. Já foram oito edições. Dessa maneira, explorei, com pouco ensaio, mas muita montaria, o ser/estar nesse corpo *drag queen*. Nesta *drag queen*: Eva. Buscando ainda articular a minha prática de atuação a esse novo campo.

A Segunda Eva propriamente dita

Em 2018, Eva entrou oficialmente para um processo de montagem de um espetáculo, que se concretizou no projeto e, conseqüentemente, na

obra *A Segunda Eva*¹⁴. Esse projeto foi abraçado pela Cia Carona e, apesar de ser um solo, adotamos o processo coletivo e colaborativo - uma de nossas características - para sua construção. Nesse processo, esse aspecto se ampliou, pois realizamos, como disparador de pesquisa, três encontros criativos/rodas de conversa com os temas: Combate e Prevenção à Violência LGBTQIA+, Desconstrução da Masculinidade e *Drag-Queen* – Arte, Política e **Liberdade: Close Certo!** Nessas rodas, propomos algumas ações: colagens e escritas livres em cartazes, práticas de interação, gravação de depoimentos, seguidos

¹⁴ Espetáculo teatral estreado em 12/03/2020, na Box Music, em Blumenau/SC.

sempre de um diálogo sobre os temas propostos. Esses momentos nos trouxeram materiais temáticos para que compusemos o conteúdo que Eva poderia explorar. Lenilso Silva¹⁵ e Marilei Post¹⁶, convidados desses encontros, comentam:

“O processo da roda de conversa sobre a população LGBT foi um momento sublime para trazer à luz a situação de **vulnerabilidade social** e o processo histórico desta comunidade para que possa viver plenamente. A maior relevância foi o extraordinário debate a respeito da realidade social ingrata que os LGBTs vivem apenas por existirem. Também foi uma oportunidade de dialogar sobre saídas para enfretar a LGBTfobia. Resultado: enquanto houver LGBTfobia, haverá nossa luta.” (Lenilso Silva, em 2021).

“Embora eu não seja conhecedora dos elementos que compõem uma peça de teatro, sou apaixonada pelo teatro como forma de expressão. Participar das rodas de conversa colaborativas desde a

¹⁵ Bicha preta, ativista dos Direitos Humanos e da População LGTBQIA+.

concepção da peça “A Segunda Eva”, juntamente a roteiristas, diretores, atores (etc.) foi uma experiência incrível em que foi possível perceber a ideia evoluindo coletivamente.” (Marilei Post, em 2021).

Após esses encontros, começamos os trabalhos práticos com a montagem. Da Cia Carona, Pépe Sedrez, integrante fundador do grupo, assumiu a direção do espetáculo. Aqui, Pépe nos traz um ponto crucial que nos desafiou, que abordarei mais adiante.

“Uma das premissas que elegi(emos) como norteadoras para o processo foi não perder a liberdade de Eva Pepper. Condição sine qua non para a existência desta persona, pois não consigo conceber Eva sem liberdade e, talvez, nem Liberdade sem Eva – aqui uma referência e uma enorme reverência ao Coletivo LGBT onde Eva nasceu. A dificuldade situava-se então entre não perdê-la, porém não tornar o espetáculo

¹⁶ Mulher cis bissexual, feminista e ativista pelos Direitos da População LGTBQIA+.

um show improvisacional. Frequentemente trabalhando a partir de bases muito sólidas para a construção de ações físico-dramáticas e em estruturas complexas como partituras, nos interrogamos constantemente sobre como a drag queen se portaria. Como não abdicar completamente de nossa busca por precisão e rigor técnico que, cremos, sejam indispensáveis para a edificação desse organismo vivo que é uma obra teatral e, não obstante, não trair a característica essencial de Eva: a relação libérrima e diretíssima com sua plateia. Talvez até já soubéssemos mas, enfim, compreendemos na prática que para não engessar sempre é possível rebolar mais; que perucas, cílios e saltos altos jamais impediriam a precisão necessária; que a língua ferina também pode ser – e é – acolhedora, empoderadora; que o deboche não é mero mecanismo de ataque/defesa, mas instrumento cirúrgico na **crítica politizada**; que o ferver também é luta e que o amor liberto é realmente revolucionário.” (Pépe Sedrez, em 2021).

Também convidamos outros profissionais, para além da Cia Carona, que fizeram parte do processo de construção artística, que

trabalharam questões específicas como: **corporeidade**, vocalidade e músicas. Tivemos Bárbara Biskaro (Florianópolis/SC) e Mareike Valentin (Blumenau/SC), com foco na vocalidade de Eva; Carlos Simioni (Campinas/SP), na corporeidade; Gregory Haertel (Blumenau/SC), que assinou a dramaturgia e letras das músicas; e Edu Colvara e Júnior Marques (Blumenau/SC), na composição e nos arranjos musicais. No trabalho com Carlos Simioni, do Lume Teatro, grupo parceiro de nossas pesquisas e minha mãe *drag* com a sua *clown* Gilda, experimentei lugares técnicos já presentes em mim, dada a trajetória de nossos estudos, porém, agora, colocados na figura de Eva. Carlos comenta:

“Trabalhar com Eva foi de um desafio imenso, primeiro porque eu a conheço e para mim ela já está “pronta”, o que eu poderia trazer para essa figura? Tratei de focar no corpo como propulsor do campo magnético, ativando o que chamamos “corpo sutil”. Neste estado, totalmente consciente, o ator abre portas e tem acesso ao que chamamos de energias complementares, possibilitando o acesso mais *concreto* à sensibilidade, **intuição**, imagens que são inatas ao ser humano mas, não acessadas no corpo cotidiano. Eva, pode então, codificar, memorizar as imagens transformadas em corpo ou em formas com sutilezas e densidades. O estado de ser do ator. A plenitude do sensível, como nos ensina a dança *butoh*.” (Carlos Simioni, em 2019).

Neste ponto do processo, resgato o relato de Pépe e comento o que, para nós, talvez tenha sido o desafio principal: a composição dramaturgica no sentido temático e, principalmente, na linguagem espetacular, que desse conta de

abraçar as especificidades que a obra necessitava ter pelo fato da personagem ser uma *drag queen*. Como ela nasceu no ativismo LGBT, isso nunca se afastou de seus “gritos”. Então, unindo as impressões das rodas de conversa, buscamos textos que expandiram esses aspectos ativistas de Eva, porém sem perder o olhar poético que a arte traz para questões político-ativistas. Com relação à linguagem e à espacialidade do espetáculo, precisávamos manter a Eva “livre”, a Eva “diálogo”, a Eva “improvisado”; e, ao mesmo tempo, estabelecer as curvas dramáticas que nos interessam na composição de uma obra teatral. Neste momento,

¹⁷ Jogo em que todos os participantes devem ter um copo com bebida na mão e uma pessoa fala,

cito outra ação de nosso projeto: as quatro *Mostras Processuais*. Nelas, apresentávamos, publicamente, partes do espetáculo que estávamos construindo. Essas mostras foram cruciais para percebermos, a partir do retorno do público, se nossas propostas estavam se consolidando, em nossos anseios, com *A Segunda Eva*. Até a terceira mostra, ainda estávamos numa relação bastante “formal”, apesar de Eva dialogar diretamente com o público. Ainda estava um pouco engessada dentro da dramaturgia que estávamos compondo. Percebemos, assim, que faltava jogo com o público, que faltava quebrar com a história que estávamos contando, apesar de não

por exemplo, “Eu nunca menti” e quem já mentiu deve beber um gole.

ser linear, nem temporal. Então, na quarta mostra, quebramos tudo que tínhamos e Eva foi para um espaço junto ao público, sem lugares definidos para plateia, intercalando algumas cenas já compostas com outras propostas de jogos diretos com a plateia, como o tradicional “eu nunca...”¹⁷. Esses percursos pelas mostras processuais nos levaram a colocar Eva numa boate! ***Close certo!*** Colamos cenas, jogos, dublagem, canto, gritos (ela adora), risos e angústias conectados com essa espacialidade. A boate não estava funcionando como sua função primordial, mas nos colocamos nesse espaço junto ao público e isso nos trouxe inúmeras

possibilidades para que nossos anseios se concretizassem, assim como o risco do conteúdo poder se perder. Eva precisa comentar:

“Ela, a bicha, me colocou no teatro. O teatro pronto, com texto e tudo. Mas eu levei o teatro dela para a boate, sim, fiz ela apresentar num espaço de ferveção e ali, acontecemos, com tudo que eu amo, brilho, gritos, luzes, contato, drinks, luta, risos, canto. Esbanjamos. Existimos, tocamos e choramos juntas, e chocamos também, somos dessas. Juntas com as públicas, que beberam comigo. E beberam muito.” (Eva Pepper, em 2021).



Apresentação de estreia “A Segunda Eva”;
Créditos: Sabrina Marthendal

Estreamos! As experiências começam a ser testadas agora com o público. Algumas se confirmam, outras se adaptam, como, por exemplo, quando usar o microfone, quando beber (pois o bar da boate estava funcionando, risos). Porém, uma sensação se confirma, Eva está num espaço, tanto físico quanto dramaturgicamente que a guia e traz concretude a seu **discurso**, mas com muitos espaços. Para seus improvisos, para seus “números” (dublagem, canto etc.), seus gritos de luta, seus chavões e, principalmente, sua relação bem-humorada e afetuosa com o espectador, ainda assim cumprindo uma curva dramaturgicamente não linear, que faz parte dos fundamentos da Cia Carona de Teatro. Para isso,

trago um depoimento de nosso dramaturgo:

“O trabalho de dramaturgia do espetáculo “A Segunda Eva” consistia em levar Eva Pepper, drag queen do ator Fábio Hostert, já bastante conhecida pelo público Blumenauense, para “dentro” de uma peça. Para isso, era importante deixá-la livre, longe das “amarras” de marcações rígidas e textos metodicamente decorados. Além disso, diante da situação política catastrófica vigente em nosso país, não queríamos deixar de nos posicionar. Procuramos buscar em Eva Pepper o caminho a ser seguido, deixando que ela e o seu sarcasmo nos guiassem.” (Gregory Haertel, em 2021).

Realizamos apenas três apresentações presenciais. Quatro dias depois da estreia, explodiu a pandemia do **Covid-19**. Ainda

sobre a estreia, trago o depoimento de Ruan Rosa¹⁸:

“A “Segunda Eva” foi uma experiência entre arte e realidade muito interessante. O espetáculo testemunha não só a experiência de uma vida, e da criação de uma identidade, mas também é uma proposta de alteridade através da experiência estética que é o teatro e também a arte drag. Com Eva, podemos sentir as dores e as alegrias que atravessam a existência de uma identidade marginalizada. Sem falar do aspecto contemporâneo e cosmopolita da discussão que o espetáculo traz para uma cidade de médio porte, e mentalidade pacata, como Blumenau. Eva é única, mas nos convoca a pensar na experiência de muitas outras “Evas” que existem mundo afora.” (Ruan Rosa, em 2020).

¹⁸ É psicólogo e produtor cultural.

Nem tudo é *glitter*

Em função desta realidade **pandêmica**, colocamos A *Segunda Eva* no espaço virtual. Adaptamos para as câmeras, para as telas, buscando, numa espécie de *live*, esse diálogo direto com o público. Outra experiência. Outro lugar para estar presente e ser. Buscamos manter todo o material espetacular, adaptado para chegar ao público, porém cientes das barreiras que essa realidade nos apresenta. Nesse momento, Eva diria: “não é

¹⁹ É atriz, de Florianópolis, e sua pesquisa artística investiga a interação entre audiovisual, dança e teatro.

assim que elas fazem”. Apesar das adversidades, principalmente as tecnológicas, como sinal de **internet**, captação de áudio e, claro, a não presença concreta do público, estamos experimentando. Mônica Siedler¹⁹ comenta sobre essa experiência:

“Eva é estética pura. Renasce de uma história doída contada em partes. Eva está e se faz presença e encontra o espectador mesmo através do Youtube. A imagem trava, o áudio falha, o online grita. Mas internet é interface. Interface é elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes de um sistema que não poderiam ser conectados diretamente. Mas Eva encontra seu jeito, não por tentativa, mas porque ela acontece nesse encontro. Eva quieta é manifesto em corpo. Ela é

linda, não se esconde, e onde tem maquiagem, cabelão e corpão tem também doçura. Como a criança, Eva quer brincar e subverte o roteiro que ela deve seguir. Faz festa, bebe seu drink, comenta a si mesmo e se perde em suas brincadeiras e faz questão de que eu, mesmo não estando com câmera ligada, mesmo só eu podendo ver Eva, ela faz eu me sentir sendo vista. Ela é happening: acontece na relação, com objetos, cores, ambiente, situação. A vida é seu material criativo. Arte e vida não se separam. Eva montada nos desmonta naquela alegria que sobrevive a violência daqueles que não sabem brincar. E Eva canta. E como canta. Mesmo em uma tela, Eva me lembra que a arte está para além da comunicação. A arte é afeto. Eva é sensibilidade. Que vontade de tomar tequila com Eva.” (Mônica Siedler, 2021)

Para além das experiências práticas que vêm acontecendo com A

²⁰ É *drag* mulher, atriz, cantora e maquiadora profissional.

Segunda Eva, encontro **lacunas** em Eva que podem ser suplantadas, como, por exemplo, no aprofundamento de seu discurso, algo que possa alinhar ainda mais teorias e pensamentos sobre as questões de gênero e a desconstrução de uma dominante heteronormatividade sobre nossos corpos. Quais os cuidados para não se perder diante de diferentes bandeiras ativistas e das questões que perpassam grupos invisibilizados? É possível fazer alinhamentos maiores desses discursos com o humor e a sagacidade presentes em Eva? E, agora, inserida em um espetáculo que procura manter-se vivo, na

internet, e vivo nos novos espaços de improviso, quais diálogos são possíveis com quem está do outro lado da tela? Como transpor a relação direta que ela tem com seu público para o **espaço virtual?** Para finalizar, lanço aqui um depoimento que talvez até inverta algumas questões apontadas neste ensaio, porém demonstra a riqueza de possibilidades e a pluralidade encontrada na arte *drag*. Gabriela Domingues²⁰, que fez parte de uma das rodas de conversa, nos deleita:

“Um processo teatral com a premissa drag é algo arrebatador, político, transbordante de desejo e pulsão de vida, por si só. Afinal de contas a drag é um espetáculo teatral que fugiu dele mesmo

e foi se esconder (ou foi jogada lá...?) nos guetos, na boate escura, lá onde você pode viver todos os seus delírios sem a culpa do cidadão de bem. Muito antes do próprio teatro contemporâneo “beber dessa fonte”, a drag já estava existindo em toda sua visceralidade, com o mínimo de recurso e o máximo de potência criativa. Independentemente de onde a drag esteja, o teatro está todo lá: o corpo, o figurino, a voz, a comédia, o drama, a mimesis, o simulacro. Pois não existe presença drag sem teatralidade! Se não tem teatro na drag, ela vira apenas uma imagem pobre de discurso e, por vezes, apenas bonita, no entendimento mais raso desse “juízo de gosto”. Para além de todas as pautas que a figura drag já carrega em si, sendo eu uma mulher e performer drag, o ato cênico acaba ganhando uma outra camada que é a da perturbação e da dúvida, gerando uma reflexão sobre os espaços que uma mulher pode ou não ocupar.” (Gabriela Domingues, em 2021)